



**DOSSIÊ QUESTÕES ÉTICO-METODOLÓGICAS
NA PESQUISA COM CRIANÇAS**

***Dossier Ethical-methodological issues
in researching with children***

Emilene Leite de Sousa

Professora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Ciências Sociais da Universidade
Federal do Maranhão

E-mail: emilene.sousa@ufma.br

Flávia Ferreira Pires

Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba

E-mail: ffp23279@gmail.com

Maria Amoras

Professora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará

E-mail: samoras@ufpa.br

Áltera, João Pessoa, v.2, n.13, p. 12-18, jul./dez. 2021

ISSN 2447-9837

O dossiê “Questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças” nasceu das discussões do Grupo de Trabalho “Questões ético-metodológicas em pesquisas com Crianças” realizado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em 2020. Nosso objetivo era reunir trabalhos que contribuíssem com a reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças, com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos.

Aqui reunimos artigos que versam sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia, como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; assim como métodos combinados, caminhadas com as crianças, dentre outros, que permitem uma maior participação dos miúdos como coinvestigadores.

Do ponto de vista ético, os artigos se dedicam a problematizar quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos. Os artigos aqui reunidos consideram a constituição das crianças como coautoras também nos textos etnográficos – com seus nomes, suas vozes e suas imagens (sejam seus rostos em fotografias ou os desenhos confeccionados por elas) apontando caminhos que as reconheçam como agentes construtores da realidade em que estão inseridas. Os estudos aqui compilados não desconsideram as particularidades de cada caso – e a capacidade da etnografia de encontrar soluções para cada um deles –, mas afirmam a importância de sua autoria no texto.

Assim, através da discussão sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos – que ainda são pouco ouvidos pela antropologia *mainstream*.

Neste dossiê apresentamos um conjunto de onze artigos.

O texto “No cortejo das crianças: o balanço metodológico guiado e aprendido na/com a prática”, de Karla J. R. de Mendonça (Universidade Federal da Paraf-



ba), reflete o caminho metodológico guiado e (des)construído com/pelas crianças no processo de pesquisa engajado na Escola Viva Olho do Tempo, na área rural de João Pessoa (PB). A pesquisa investigou os processos de aprendizagem das crianças na prática com o batuque (percussão) do grupo Tambores do Tempo, regido por um educador. O cortejo nascido dos movimentos performáticos do batuque que as crianças produziam com seus instrumentos guiou a metodologia da pesquisa, ao envolver a pesquisadora na prática dos seus tempos, ritmos e criações. A observação participante e a escolha dos instrumentos de pesquisa deu-se no decurso da pesquisa como um processo educativo, sensitivo e imaginativo. O texto conclui que as crianças podem entoar relações com a pesquisadora de modo transformador, na imersão de um contexto entendido como criativo e confiável, que considera as práticas presentes em seu ambiente e inverte o poder do planejamento e do encaminhamento da investigação.

O artigo “Investigar crianças em movimentos sociais na América Latina (ou o que aprendemos com elas em nossas pesquisas)”, de Fábio Accardo de Freitas e Luciana Maciel Bizzotto, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, reflete sobre os desafios ético-metodológicos nas pesquisas com crianças em movimentos sociais de luta pelo direito à moradia e à terra com crianças de uma ocupação urbana em Belo Horizonte (MG) e crianças de um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) no interior do estado de São Paulo. O artigo apresenta os elementos que aproximam ambas as investigações na entrada em campo, situando-as no âmbito das pesquisas com crianças em contextos não institucionalizados na América Latina e os diferentes caminhos metodológicos percorridos, diante da dinâmica dos movimentos sociais investigados e das relações estabelecidas entre pesquisadora/pesquisador e sujeitos da pesquisa. O texto aponta questões para uma crítica dos estudos da infância contemporâneos.

O artigo “Caminhando com Miguel: estratégias para a pesquisa com crianças em Cabo Verde”, de André Omisilê Justino (Universidade de Brasília), reflete sobre as estratégias para se pesquisar com crianças a partir de uma etnografia realizada em Praia, capital de Cabo Verde. Partindo do insucesso de técnicas mais comuns, como o desenho, o autor opta por aceitar o convite das crianças para andar com elas pelo



bairro onde moram. Assim acessa os modos por meio dos quais elas elaboram suas relações sociais, interagem com as pessoas adultas e reforçam seu papel cotidiano na manutenção das relações de solidariedade essenciais para o bem-estar dos moradores e moradoras. O autor elabora um mapa que revela de que forma o conhecimento que produzimos está relacionado com a trajetória pessoal da criança. Para isso, André Justino realiza um estudo de caso a partir de um menino de oito anos nomeado no texto como Miguel.

Caminhar junto, deixar-se guiar pelas crianças é também o que faz Letícia de Luna Freire (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), no artigo “Entre a casa e a escola, a cidade: o ‘andar junto’ como estratégia de pesquisa com crianças”. Sua investigação se deu com crianças removidas da favela Metrô Mangueira para um condomínio popular na Zona Norte do Rio de Janeiro, atentando para os impactos do deslocamento residencial forçado na experiência escolar e cidadina das crianças. A autora considera a importância do caminhar na observação e compreensão do espaço urbano, e se dedica à descrição e análise do “andar junto” com duas crianças pela cidade, acompanhando o trajeto delas entre a casa e a escola. Assim, Letícia de Luna Freire reflete sobre limites e possibilidades revelados por essa estratégia metodológica, e seu texto conclui que andar com as crianças no espaço urbano pode ser uma potente ferramenta da pesquisa antropológica.

Em “Ser a ‘tia que faz pesquisa com a gente’: relato de experiência sobre ser uma antropóloga adulta fazendo pesquisa com e sobre crianças em um contexto institucional”, Roberta do Nascimento Mello (Universidade Federal da Paraíba) analisa os desafios metodológicos de uma pesquisa de cunho etnográfico com e sobre crianças institucionalizadas em uma Unidade de Acolhimento na Grande João Pessoa, Paraíba. As reflexões se dão a partir do relato de experiência e vivência da antropóloga em campo e sugerem aspectos importantes dessa experiência: o corpo da antropóloga, o ser *a tia que faz pesquisa*, os instrumentos metodológicos e o esforço da antropóloga adulta em romper com a imagem que as crianças possuem do adulto como vigilante e aquele que proíbe.

Jéssica de Sousa Lima e Emilene Leite de Sousa, da Universidade Federal do Maranhão, assinam juntas o artigo “Entrando em casa de passarinhos: impasses éti-



co-metodológicos em pesquisas com crianças institucionalizadas”, cuja pesquisa teve como mote a experiência com a infância vivenciada em uma instituição de acolhimento infantil na cidade de Imperatriz, Maranhão. O texto avalia técnicas e instrumentos tradicionalmente usados no empreendimento etnográfico em suas limitações éticas, como fotografias e desenhos; e analisa questões burocráticas e éticas da pesquisa, em seus impasses e entraves no caso de pesquisa com crianças institucionalizadas. As autoras problematizam desde o acesso ao campo com a elaboração de requerimento direcionado ao juiz da Vara da Infância e Juventude da cidade até a autorização da pesquisa mediante cláusula de sigilo da identidade das crianças: preservação dos nomes, rostos – em desenhos e fotografias – e histórias de vida. Lima e Sousa refletem sobre tais limitações em tempos de reconhecimento das crianças como coautoras do texto etnográfico.

Já o artigo “No extramuros e no intramuros com as crianças: uma abordagem ético-metodológica no estudo da infância”, de Núbia Guedes de Barros Ferreira e Christina Gladys Mingarelli Nogueira, ambas da Universidade Federal da Paraíba, discorre sobre aspectos ético-metodológicos de estudos realizados com crianças em dois campos distintos: uma comunidade em processo de gentrificação em Recife (PE) e uma prisão feminina de uma cidade nordestina de grande porte, com o objetivo de analisar os recursos metodológicos utilizados nesses trabalhos a partir das especificidades de cada campo. O texto reflete sobre o não uso de técnicas como produção de desenho e fotografias, em observância às questões éticas. São analisadas as técnicas comuns utilizadas na pesquisa e suas ressignificações pelas crianças em seus agenciamentos. O artigo aponta, por um lado, para a participação política das crianças sobre a problemática do processo de gentrificação experienciado; por outro lado, na prisão feminina, emerge a criança como ator social que promove a humanização da pena de suas mães em meio à produção de vida que se dá pelos afetos, por meio de dádivas.

Em “Medo e desconfiança na pesquisa etnográfica com crianças pequenas em espaços escolares”, Mohana Ellen Brito Morais Cavalcante (Universidade Federal da Paraíba) e Patrícia Oliveira Santana dos Santos (Universidade Federal de Campina Grande) tratam de pesquisas em ambientes institucionais que colocam crianças e pesquisadores em posição de vigília, submetidos a regras de conduta que fogem da



tessitura de ambos – situação potencializada por padrões comportamentais imageticamente construídos. As autoras buscam problematizar o papel do/a pesquisador/a que se propõe realizar pesquisa com crianças nesses ambientes frente às desconfianças e medos que as autoridades escolares têm sobre a figura do/a pesquisador/a que assume pesquisar com crianças a partir de técnicas mais específicas (desenhos, brincadeiras, observação participante). O texto trata de duas experiências etnográficas com crianças nas cidades de João Pessoa (PB) e Orobó (PE), onde se revelam a desconfiança do pesquisador e a negação da agência da criança, evidenciando o medo dos adultos do que elas têm a dizer/denunciar.

Bruna Pimentel (Universidade Federal da Paraíba) nos apresenta o artigo “‘Não é um sangue igual aos outros’: concepção da doença falciforme por crianças e adolescentes”, que aborda as concepções de crianças e adolescentes do estado da Paraíba – cujos pais/responsáveis são membros da Associação Paraibana de Portadores de Anemias Hereditárias (ASPPAH) – acerca da doença falciforme, uma doença genética que carrega o marcador de raça, uma vez que a população negra é a mais acometida. O estudo contou com entrevistas semiestruturadas com adolescentes e crianças, produção de desenhos e entrevistas com as famílias. A autora conclui que crianças e adolescentes relacionam a doença às restrições que ela causa, além de apresentarem a partir de como ela está presente no corpo: através do sangue.

Marina di Napoli Pastore (Instituto Nacional de Ciências da Saúde, Maputo, Moçambique) é autora do artigo “Pesquisa com crianças moçambicanas: ética, construção e relações”, que faz coro à ampliação das vozes e dos modos de compreensão acerca da temática das crianças como sujeito de direitos, participativas e ativas em seus processos. A autora dialoga com questões éticas e metodológicas a partir de pesquisas com crianças no sul de Moçambique, em comunidades e cenários distintos. Assim, reflete sobre as particularidades da observação participante de longo período, os vínculos e parcerias durante os anos, a participação das crianças e a inserção da pesquisadora nas comunidades em que a investigação ocorreu, e analisa os desafios da prática etnográfica, como os percursos atuais de uma pesquisa digital, à distância, e com contato restrito. Ao problematizar os modos como as pesquisas e as metodologias de pesquisa vêm sendo pensadas frente à pandemia, a autora alinha



as questões éticas aos tempos e condições em que a pesquisa decorre, ampliando o debate para a situação contemporânea.

O artigo “O lugar das crianças como copesquisadoras: reflexões e provocações” de Fernanda de Lourdes Almeida Leal, Wanessa Maciel Ferreira Lacerda e Rayffi Gumerindo Pereira de Souza, todos da Universidade Federal de Campina Grande, busca dar continuidade às reflexões já colocadas por pesquisadores/as no campo da investigação com crianças, sobretudo quando estas são tomadas como copesquisadoras em investigações científicas, sujeitos ativos e plenos, capazes de produzir suas próprias culturas infantis em relação com pares, adultos e objetos. Esse modo de compreender crianças e infância abre espaço para pesquisas que buscam produzir conhecimento *com e sobre* as crianças. No entanto, considera-se que aprofundar o debate sobre o que já se encontra estabelecido, problematizando consensos, muitas vezes naturalizados, deve continuar sendo um dos papéis dos/as pesquisadores/as que investigam sobre e com crianças e suas infâncias.

Desejamos uma ótima leitura para vocês!

